



**INSTITUTO FEDERAL**  
Ceará  
Campus Tabuleiro do Norte



**INSTITUTO FEDERAL**  
Ceará  
Campus Tabuleiro do Norte

Coletânea de Textos  
**Concurso**  
**de Redação**  
**2018**





## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	3
PREFÁCIO .....	4
Redação da estudante Raissa de Lima Mendes .....	8
Redação da estudante Ana Pessoa Nogueira .....	9
Redação da estudante Luana Ester da Silva .....	10
Redação da estudante Angélica de Jesus de Oliveira .....	11
Redação do estudante Rafael Moreira de Araújo .....	12
Redação do estudante Benício Bandeira Costa .....	13
Redação da estudante Paola Evlen da Silva .....	14
Redação da estudante Adria Kallynny de Almeida Maia .....	15
Redação do estudante Narpton Rian Dias Maia .....	16
Redação da estudante Isadora Maia Moreira .....	17
SUGESTÕES DE LEITURA .....	18

## APRESENTAÇÃO

A presente obra trata de uma coletânea de textos produzidos pelos alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – campus Tabuleiro do Norte em uma atividade proposta pelo Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas do campus.

O núcleo tem como pilar as ações afirmativas sobre as questões afrobrasileiras e indígenas, de modo a contribuir para a sistematização, produção e difusão do conhecimento, fazeres e saberes voltados para promover a equidade racial, combatendo a discriminação e consolidando os direitos inerentes a estes grupos.

Assim, o “I Concurso Cultural do NEABI” marcou o início das atividades do núcleo no campus e buscou reunir a produção de textos dissertativos - argumentativos que fizeram alusão à questão indígena no Brasil, utilizando como elemento motivador a canção “Chegança”, de autoria de Antônio Nobrega.

Ao longo da obra, serão conhecidos os dez textos mais bem avaliados pela comissão julgadora do concurso cultural, além do prefácio destacando os principais tópicos abordados em cada redação.

Por fim, o NEABI campus Tabuleiro do Norte agradece a todos os apoiadores da ideia e aos alunos participantes da atividade. Desejamos também uma ótima leitura!

*“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”*

**Nelson Mandela**

**A** violência contra a mulher é um dos assuntos mais discutidos da atualidade, colocando em contexto a crueldade, covardia e brutalidade contidas nessa realidade. No entanto, os crimes contra as mulheres indígenas não têm tanto destaque na mídia, mas são de suma importância e devem ser comentados. Segundo dados de um relatório das Nações Unidas (ONU), uma em cada três mulheres indígenas são agredidas fisicamente ou sexualmente ao longo da vida. Contudo o que falar da violência permitida? E quando ela é vista como um direito natural do homem? Esses fatos são observados em algumas aldeias e segundo dados do Conselho Indigenista Missionário, dos 92 índios assassinados em 2007, 18% eram mulheres e muitas delas eram agredidas pelos parceiros. A superioridade masculina é claramente vista como algo que faz parte dos costumes e tradições.

A criminalidade existente dentro das tribos é mais comum do que se tem conhecimento, as índias se submetem a todo tipo de agressão, tortura e mutilação porque foram ensinadas a aceitar e ver esses atos como se caráter justificável. As autoridades dentro das comunidades indígenas não se baseiam em nenhuma lei judiciária, apenas nos hábitos que criaram uma forma de hierarquia tribal.

Os índios têm suas próprias leis de convivência, mas a aplicação da Lei Maria da Penha não deveria sofrer empecilhos, como o medo de contatar órgãos competentes por parte das vítimas, o informe sobre a existência da lei dentro das tribos, entre outros. Se tornando algo conflituoso, já que a Constituição protege as características tradicionais desses povos. Entretanto, uma lei não pode anular a aplicabilidade da outra, mas sim trabalharem juntas. Tendo em vista que o território nativo faz parte do território nacional, não deveria existir a exclusividade de retirar o poder de uma lei, considerando as atrocidades lesivas à proteção dessas mulheres.

Proteger a cultura e os costumes dos índios é de fato importante, porém, as delegacias e centros de assistência a esses povos devem dar a devida atenção que esses casos merecem para que essas mulheres tenham apoio físico e psicológico. Se uma lei ou prática cultural não protege a tribo inteira não cumpre efetivamente o seu papel.

**Raissa de Lima Mendes**

*Petróleo e Gás – Integrado – 2º ano*

## PREFÁCIO

A primeira redação é de Raissa de Lima Mendes. O texto aborda o tema da violência contra a mulher indígena. A autora foca nos casos de violência cometidos pelos índios companheiros das mulheres indígenas e reivindica a aplicabilidade da Lei Maria da Penha. Esse é um tema complexo e sugere várias discussões: como combater a violência contra a mulher nas aldeias e nas tribos indígenas levando em consideração a autodeterminação dos povos? Como promover o protagonismo da mulher indígena no tange à violência A primeira redação é de Raissa de Lima Mendes. O texto aborda o tema da violência contra a mulher indígena. A autora foca nos casos de violência cometidos pelos índios companheiros das mulheres indígenas e reivindica a aplicabilidade da Lei Maria da Penha. Esse é um tema complexo e sugere várias discussões: como combater a violência contra a mulher nas aldeias e nas tribos indígenas levando em consideração a autodeterminação dos povos? Como promover o protagonismo da mulher indígena no tange à violência de gênero sem desrespeitar sua cultura? Como agir sem imposição cultural?

O segundo texto é de Ana Pessoa Nogueira. A redação questiona a imagem do índio construída pelos europeus e reproduzida nos dias atuais pela sociedade brasileira. A autora toca em questões como a luta pelo reconhecimento e o avanço das atividades comerciais em área de terras indígena. Uma frase marcante da redação é “chega de encarar os índios como intrusos, negando-os terra, voz e identidade”.

A terceira redação é de Luana Ester da Silva. O texto é questionador: “Dia do índio? Por quê?”. Questiona também a imagem de selvagem que foi construída pelos portugueses. O que está mais presente na redação é a preocupação e o compromisso em denunciar o genocídio dos índios no Brasil. A autora nos convida a conhecer a história dos índios para que assim as pessoas saibam que o índio está para além do dia 19 de Abril.

Em seguida temos o texto da estudante Angélica de Jesus que toma como ponto central a questão da demarcação das terras indígenas. A autora ressalta a importância dos índios na construção da identidade do povo brasileiro ao mesmo tempo em que mostra o descaso quanto à regulamentação dos seus direitos. Como exemplo, discorre sobre os conflitos entre latifundiários e índios na região centroeste do país. Por fim, traz como intervenção as ações educativas em escolas, como forma

de conscientização quanto às dificuldades enfrentadas pelos indígenas, além de uma proposta de divisão de responsabilidades por parte do poder público.

Na sequência temos o texto do estudante Rafael Moreira que além de tratar da questão da demarcação das terras, versa sobre os impactos sofridos pelos indígenas, por conta do desenvolvimento da sociedade. São abordados não apenas problemas evidentes, como a violência, mas também aqueles que às vezes passam “despercebidos”, como a aculturação dos povos indígenas. Por fim, o autor aborda o papel do poder público e das fundações especializadas no que se refere à solução dos problemas apresentados.

O texto do estudante Benício Bandeira toma como base a questão do desconhecimento da cultura indígena pela sociedade e a consequente marginalização desse povo. O autor ressalta a criação de estereótipos negativos e a falta de registros formais da cultura indígena, de modo que são negligenciados aspectos que deveriam ser tomados como exemplo, como é o caso da relação de respeito entre o índio e o meio ambiente. Por fim, trata da necessidade da criação de uma base de dados unificada sobre a história do povo indígena como forma de conscientização quanto a sua importância na formação da sociedade brasileira.

A redação de Paola Evlen ressalta que os índios já foram muito prejudicados no passado pelo processo de escravização e de aculturação. Destaca que os povos indígenas são um tesouro nacional e, por isso, precisam ser preservados. A referida estudante defende que a sociedade brasileira tem por obrigação protegê-los e menciona as mídias sociais como uma ferramenta de promoção da valorização da cultura desses povos.

A produção de Adria Kallynny explora em seu texto a subserviência do nosso país ao poder econômico que esmaga os povos indígenas, destruindo seus modos de viver, arrancando-os de suas terras. Afirma que o massacre e o descaso com esses povos perpetuam no presente. A não demarcação de seus territórios é uma evidência disso. Defende que para vivermos melhor precisamos buscar “o bem estar de todos”.

Narpton Rian Dias Maia menciona em seu texto o processo de escravização e aculturação sofrido pelos povos indígenas. A redação do referido estudante nos remete à necessidade de aprofundamento

sobre a complexidade das relações de dominação do colonizador sobre o nativo. E sobre as formas de resistência dos povos indígenas em relação ao processo de colonização. O estudante coloca que para acabar com o etnocentrismo, faz-se necessário incluir o índio em nossa sociedade e dar-lhe mais direitos. Diante dessa ideia, cabem algumas perguntas: quem são os nossos índios hoje? Quais são seus anseios e necessidades? Será que na ideia de “inclusão” ainda não encontramos uma concepção etnocêntrica?

A redação de Isadora Maia Moreira tem como tema central a democratização da educação através da política de cotas para os povos indígenas. Ela disserta sobre a importância de se integrar o índio em nossa sociedade e que para isso se faz necessário dar acesso à saúde, à educação e ao emprego. Mas como integrar sem diluir identidades, respeitando a multiculturalidade dos povos indígenas? Pois esses povos almejam uma educação que atenda suas demandas, realidades, projetos e filosofias de vida.

**É** incontestável que a divisão de terras é um problema no Brasil, principalmente em relação aos povos indígenas. Dentre tantos motivos preocupantes, temos: Os homicídios de uma parcela significativa da população indígena e a preservação da cultura desse povo.

Sabe-se que o Brasil ainda apresenta várias lacunas em relação à divisão de terras e os mais afetados são os indígenas. No decorrer dos anos, o país vem crescendo exponencialmente em seu desenvolvimento, com a criação de rodovias e hidrelétricas, matando assim os índios que ali habitam, retirando deles o direito por terra.

A cultura dos índios também é bastante afetada, pois, como ficam sem terra, não conseguem encontrar um equilíbrio entre a preservação da própria cultura e as adaptações do mundo atual, perdendo assim suas raízes e estilo de vida.

Em virtude do que foi mencionado, medidas são necessárias para resolver o impasse, como: O Ministério da Justiça deve demarcar uma parcela maior de terras para os índios e a FUNAI (Fundação Nacional Do Índio) deve criar um projeto de preservação da cultura que englobe toda a população indígena no Brasil.

**Rafael Moreira de Araújo**

*Petróleo – Integrado – 2º ano*

**A** carta de Pero Vaz de Caminha contava sobre a presença de um povo que, pelos olhares dos europeus, precisava ser civilizado: os índios. Estamos enganados se pensamos que não herdamos esse olhar. Nossos colonizadores fizeram o trabalho sujo do genocídio, mas nós contribuimos para que a questão indígena no Brasil tenha se agravado.

Primeiramente, é necessário encarar o fato de que: Sim! Nós ainda pensamos como os portugueses do século XVI, pois subjugamos a cultura indígena, considerando-os selvagens. Prova disso é o fato de classificarmos nossa língua como oficial, enquanto a deles são dialetos. Assim como a nossa cultura é classificada como rica e civilizada, a deles é considerada folclore por muitos de nós.

A questão indígena é mais complexa. Além de tudo os índios brasileiros ainda têm que lutar pela terra. Isso porque outras pessoas vêm tomando terras indígenas para suas atividades comerciais. Essa situação vem diminuindo muitas tribos e impedindo o avanço de ONGs que tem o intuito de atuar na questão indígena no Brasil. E isso é uma situação que não podemos mais sustentar. Chega de encarar os índios como intrusos, negando-os terra, voz e identidade.

É preciso que nós lutemos pela sobrevivência desses povos. O governo deveria impedir a agricultura de gerar conflitos no campo, para garantir a vida e o sustento desses povos, para que possamos espalhar suas culturas. Somos de uma só nação, somos humanos, e todos merecem respeito.

**Ana Pessoa Nogueira**

*Manutenção – Integrado – 2º ano*

**19** de Abril, dia do índio. Quando se é necessário dedicar algum dia do ano para homenagear alguém é porque algo está errado. Mas o que exatamente está errado? Se observarmos cronologicamente, é perceptível o reflexo do nosso passado interferindo diretamente na atualidade. Tudo se torna errado no momento em que ocultamos o genocídio feito pelos portugueses e, ainda por cima, subjugamos a cultura indígena, considerando-os selvagens e preguiçosos.

É muito importante lembrar que os portugueses não descobriram o Brasil, eles invadiram. Narrar a história do nosso país e não citar o índio como personagem fundamental é inaceitável. O trabalho desleal que nossos colonizadores fizeram no passado, exterminando inúmeras tribos indígenas, ainda resulta em uma cicatriz longe de ser apagada, principalmente pelo fato de que, nos dias atuais, a população indígena vem sendo drasticamente reduzida. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), existem, atualmente, 460 mil índios morando em aldeias no Brasil, correspondendo apenas a 0,25% da população brasileira. As aldeias “mais populosas” do Brasil são Ticuna e Guaraní, possuindo 30 mil ou mais integrantes. Com esses dados, é possível notar que, aos poucos, estamos perdendo tradições indígenas.

Na verdade, a história do índio foi narrada pelos portugueses de forma distorcida. Infelizmente, é muito comum associarmos a figura do índio à imagem de preguiçoso, selvagem e outros estereótipos criados pela falta de informação. As escolas não nos ensinam diretamente sobre a importância deles para o desenvolvimento do Brasil.

Dessa forma, entende-se que a escola tem o papel imprescindível de educar, quebrando as barreiras do preconceito e trabalhando a diversidade étnica. O conhecimento sobre a real história do nosso país é de suma importância, com isso desmascaramos todas as farsas e estereótipos criados ao longo do tempo. A melhor forma para solucionarmos o problema é investirmos mais na educação, para que assim as pessoas saibam que o índio vai muito além do dia 19 de Abril.

**Luana Ester da Silva Curso**

*Petróleo e Gás – Integrado – 2º ano*

**N**o Brasil existe uma grande diversidade étnica, onde caracteriza-se por ser um país multicultural, dentre esses grupos destacam-se os indígenas, no qual enfrentam até hoje uma grande desigualdade em relação à questão de posse territorial.

Apesar dos indígenas fazerem parte da identidade histórica brasileira, eles continuam lutando pelos seus direitos, um exemplo disso é a demarcação dos seus territórios, ou seja, um direito básico que já devia ser deles. Em 1973 com a criação do Estatuto do Índio, ouve uma garantia jurídica de seu território, só que, antes mesmo dos portugueses chegarem ao Brasil, os índios já habitavam nesse país.

Contudo, a violência que os indígenas enfrentam torna-se algo lastimável, pois a regulamentação de suas áreas não impede que os fazendeiros, em busca de expansão, invadam as terras indígenas, no qual causam na maioria das vezes mortes, como ocorre frequentemente no Mato Grosso do Sul. Segundo dados do IBGE, o censo de 2010 mostra que no Brasil tem mais de 890 mil índios, pertencentes a 305 etnias, que se diferenciam entre si por crenças, hábitos, e culturas, ou seja, uma boa parte da população brasileira que vem há mais de cinco séculos lutando pelo que é deles.

Portanto, é preciso a ação da sociedade para que haja uma mobilização nas escolas, como palestras mostrando a real dificuldade enfrentada pelos indígenas, e tem como papel do poder Executivo ampliar a fiscalização nas áreas de fronteiras indígenas, e também por parte do poder Legislativo, ampliar uma lei de aprovação de maior área reservada para a ocupação dos indígenas..

**Angélica de Jesus de Oliveira**

*Técnico em Administração – Subsequente*

**E**m uma sociedade existente há séculos, é lamentável a desvalorização étnica de nossos antecessores, os índios. Os povos indígenas, que foram os primeiros povos presentes no território brasileiro, foram explorados exageradamente pelos portugueses com a descoberta de nosso país.

Durante o período colonial, estima-se que havia aproximadamente entre 2 e 4 milhões de índios em solo brasileiro. Um grande número populacional que reflete em uma alta diversidade étnica e linguística. Desde aquela época, os indígenas eram tratados de uma maneira preconceituosa. Os portugueses diziam que eles eram pessoas sem alma, como se fossem animais. A partir desse pensamento, dominaram os índios aculturando os mesmos e os explorando com o trabalho escravo.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, os índios chegavam a somar 896.917 pessoas. E, ainda assim, até hoje são excluídos e rejeitados pelos demais brasileiros, em sua grande maioria, por um preconceito étnico. Vale destacar a forte influência cultural dos índios presente no nosso cotidiano, como as redes para dormir, a tapioca, a mandioca, entre outros costumes. As principais tribos indígenas no Brasil hoje são: Guarani, Terena, Macuxi, Ticuna.

Porém, é preciso a realização de projetos e ações sociais para a inclusão do índio na nossa sociedade, acabando o etnocentrismo, além de dar mais direitos aos mesmos, como as cotas que já existe, por exemplo.

**Narpton Rian Dias Maia**

*Manutenção Automotiva – Integrado – 2º ano*

**O**s povos indígenas e outras etnias, desde o século passado, foram marginalizados e isso levou a profunda ignorância que as demais etnias mais privilegiadas têm de sua rica cultura, conhecimento e cotidiano. É necessário então a discussão, estudo e uma redescoberta do quanto os indígenas contribuíram e nos influenciaram e assim quebram essas barreiras que impedem os mesmos de serem tratados igualmente.

Como resultados dessa visão obtusa da sociedade indígena criam-se um estereótipo de que ele um indivíduo inferior e pouco relevante. Muito se engana, pois, o índio é um ser humano capaz, que respeita seu meio ambiente e, principalmente, não explora a natureza de forma ambiciosa e criminosa. Tirando desta o necessário e repondo para assim não interromper seu ciclo.

Observar-se também que a língua indígena mesmo sendo antiga, porém pouco conhecida, ficando retida dentro das interações das comunidades e assim passada de forma oral e pouco registrada. Num país que se orgulha de suas misturas de raças, pouco mostra a importância que a língua influenciou no próprio português e também em figuras importantes se analisarmos a nossa história.

É interessante ver o quanto carente é a representação indígena na história e suas figuras importantes que pouco são citadas ou lembradas em salas de aula. Pois ao se estuda uma sociedade tem que abordar todos os seus aspectos, destacar seus heróis e figuras importantes. Algo pouco praticado ao ensinar, apesar de ter programas e afins em relação à inclusão.

Por mais que se tenham políticas e mudanças na lei, algumas desfavoráveis a sociedades indígenas, é importante que se persistam na luta pelo espaço do índio. Necessita-se da criação de uma plataforma que tenha como base os estudos de movimentos indígenas agregados a conscientização do respeito e importância do índio.

**Rafael Moreira de Araújo**

*Petróleo – Integrado – 2º ano*



**A**tualmente, o preconceito e desvalorização da cultura indígena tem se tornado um assunto presente nos parlamentos e meios de comunicação. É notório que na nossa sociedade existe muito preconceito, tais como: racial, social, político, cultural, dentre outros. Segundo o censo realizado no ano de 2010 pelo IBGE, a população indígena no Brasil é de apenas 0,47%.

Desde a colonização, os povos indígenas foram prejudicados, sendo suas crenças desrespeitadas e seu povo escravizado. Isso prejudica a disseminação de suas culturas pelo país, deixando-os restritos às pequenas áreas afastadas.

Nos dias de hoje, as mídias sociais podem ser usadas como forte canal de argumentação e influência para implementação de novas leis e valorização da cultura indígena, mostrando o que muitas vezes a sociedade não consegue ver.

Diante dessa situação, é importante ressaltar que, nós como sociedade, temos a obrigação de assegurar qualquer meio cultural e histórico do país, visto que o indígena e sua maneira de viver é um tesouro nacional. Através de suas canções, vestes, comidas e línguas, ganhamos uma singularidade única e, quaisquer leis que venham a protegê-los, não é privilégio, mas obrigação com um povo que tanto sofreu e muito se dedicou ao nosso país, seja de maneira direita ou não.

**Paola Evlen da Silva**

*Manutenção Automotiva – Integrado – 1º ano*

## **A HISTÓRIA PERMANECE A MESMA**


**A**o chegar aqui os (europeus) portugueses encantaram-se, com a incrível beleza e riquezas que essas terras ofertavam, não pediram licença e tomaram posse do que não lhes pertenciam. Sem poder de retaliação, os povos indígenas sofreram, perderam seus direitos a liberdade, sendo escravizados, domesticados, catequizados, e com o decorrer do tempo, até sua identidade foi perdida.

O confronto com os latifundiários desde a posse da coroa portuguesa vem de forma desigual, tirando dos nativos o direito de coexistir usufruindo o que a terra produz. O preconceito ainda é mantido e os índios são tidos como preguiçosos e bichos selvagens. Será por que o respeito e a forma com que defendem a natureza têm menor valor aos olhos de uma nação omissa, que “lava suas mãos”, e se fazem despercebidos mediante ao sistema governamental corrupto, que entrega seu maior patrimônio em mãos de magnatas das indústrias de madeireiras e mineração? Ou é porque não se tornaram “máquinas de produção rural” para seu país? Talvez então, seja sua maneira de ver a vida de uma forma subsistente, onde consome apenas o que precisa.

As histórias dessas tribos que não fogem à luta tornam-se pouco conhecidas por sua nação que a nega e mantém descaso ao seu massacre constante, é uma vivência real de vida ou morte pela demarcação de terras. Se esse país tivesse consciência, se a justiça não fosse tão escassa por aqui, um lugar onde todas as raças se unissem com um mesmo objetivo, “o bem-estar de todos”, viveríamos melhor e seríamos de fato o que nascemos para ser, humanos.

**Adria Kallynny de Almeida Maia**

*Técnico em Administração – Subsequente*



**U**ma significativa parte da nossa cultura vem de primícias indígenas. Contudo, segundo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a população indígena representa 0,4 % da população brasileira e apenas recentemente as pessoas passaram a se conscientizar em relação a importância da integração do índio na sociedade.

Foram roubadas dos índios as suas terras e riquezas há séculos atrás, e ainda hoje esse povo é privado de ter acesso à educação, saúde e oportunidade de emprego, ocorrendo assim uma desvalorização de toda sua história.

Nesse contexto, a aprovação da lei das cotas foi um ocorrido de extrema importância para a democratização na educação. O sistema das cotas favorece a valorização da história indígena, como também a valorização dos próprios indígenas.

Toda essa luta não deve ser exercida somente pelos índios, mas por toda uma sociedade que, mesmo não compreendendo, carrega sobre si hábitos e costumes que vieram desse povo.

**Isadora Maia Moreira**

*Manutenção Automotiva – Integrado – 2º ano*



## SUGESTÕES DE LEITURA

DANTAS, Mariana. **População indígena do Nordeste é a segunda maior do País**. Disponível: <<http://noticias.ne10.uol.com.br/grande-recife/noticia/2012/04/18/populacao-indigena-do-nordeste-e-a-segunda-maior-do-pais-338241.php>>. Acesso em: 20 de mai de 2018.

MIRIM, Pib. **Você sabe onde vivem os índios?** Disponível: <<http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2014/02/voce-sabe-onde-vivem-os-indios>>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

ROSA, Ana Beatriz. **Por que a violência contra mulheres indígenas é tão difícil de ser combatida no Brasil**. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/2016/11/25/por-que-a-violencia-contra-mulheres-indigenas-e-tao-dificil-de-s\\_a\\_21700429/](https://www.huffpostbrasil.com/2016/11/25/por-que-a-violencia-contra-mulheres-indigenas-e-tao-dificil-de-s_a_21700429/)>. Acesso em: 21 de maio de 2018.

TAVARES, Elaine. **O Brasil é plurinacional**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/node/6689/>>. Acesso em: 03 de maio de 2018.